

Política

Disputa pelo outro lado do Atlântico

A invasão de Angola por tropas da África do Sul faz renascer um pensamento que empolgou alas do Exército brasileiro há alguns meses. Que papel devem as Forças Armadas do Brasil desempenhar no conflito da África austral, onde já estão cubanos, alemães orientais, norte-americanos, angolanos e sul-africanos? Mais ainda, que função pode ter o Brasil na solução da independência da Namíbia?

O Chanceler Saraiva Guerreiro disse temer que a invasão de Angola justifique o aumento da presença de tropas estrangeiras naquele país. Argumentando com a alegação dos angolanos, que estabeleceram direito de defesa contra ataque armado, o Ministro afirmou que "a presença de tropas estrangeiras em Angola certamente a ninguém interessa e a nós brasileiros certamente não interessa mas não se pode deixar de compreender tal situação". É sintomático que o Ministro das Relações Exteriores do Brasil faça um comentário deste quilate.

Há algum tempo setores do Itamaraty vinham recebendo pressões mais ou menos ostensivas no sentido da apressar o aprofundamento dos contatos com os países africanos, sobretudo com aqueles de língua portuguesa. A diplomacia brasileira procurou estabelecer um cronograma da aproximação com aqueles governos de maneira a construir sólidas pontes de entendimento. Ainda assim, o Exército criou postos de adidos militares na Iugoslávia, Guiana, Angola e Moçambique — por coincidência todos situados em países socialistas.

A criação do posto de adido militar em Angola é, sozinho, um exemplo da profunda modificação nas linhas da política militar, pois em 1977 o Ministro Silvio Frota deixou seu cargo divulgando carta em que fazia severas críticas a aproximação diplomática com aquele governo socialista. Mas, enfim a expansão da indústria de armas e equipamento bélico no Brasil foi maior que as abstrações ideológicas. O General Túlio Chagas Nogueira, comandante do III Exército, declarou recentemente que o Brasil exportará neste ano 2.400 milhões de dólares em equipamentos militares.

Há um outro dado importante para a compreensão do fenômeno histórico que vivem hoje as Forças Armadas brasileiras. Depois das sucessivas e recíprocas visitas que se fizeram os presidentes do Brasil e da Argentina os manuais de guerra brasileiros perderam parte de sua utilidade. A hipótese de conflito militar com os vizinhos do sul foi transformada numa florescente cooperação econômica, que agora chega a abranger o campo sensível do intercâmbio de know-how nuclear. O Brasil sem adversários teóricos viu florescer uma importante indústria bélica.

Os adidos militares têm funções diplomáticas, mas dentre elas a principal é constituir-se numa espécie de escalão avançado da negociação de armas e equipamentos militares produzidos em seu país de origem. Não é por acaso que o Exército cria postos de adidos militares em países de governos socialistas, que constituem atualmente os maiores clientes do armamento nacional. Este mesmo raciocínio levou para Bagdá, no Iraque, um General como Embaixador. O General Samuel Alves Correia.

Depois dos acordos com a Argentina, seguiram-se uma série de contatos bilaterais entre o Exército brasileiro e os exércitos dos países vizinhos. Reuniões foram realizadas em Brasília e nas capitais do outro lado dos Andes com o objetivo de fazer avaliação conjunta dos problemas de segurança da América do Sul. Todos os países do continente foram contactados pelos militares brasileiros de alta patente, que pretendiam estabelecer uma política comum, cujo alvo é impedir que o processo revolucionário desencadeado na América Central chegue a América do Sul.

O cinturão de entendimentos militares teve dois momentos importantes. Um deles foi a reunião com militares argentinos, que teve a presença de um militar de alta patente naquele país. O encontro com os argentinos terminou numa recepção, com toda pompa, oferecida pelo Embaixador de então, Oscar Camillion. O segundo grande momento foi a visita que o general Vernon Walters fez a Brasília dias após a vitória de Ronald Reagan nos Estados Unidos. Walters veio aqui garantir a ajuda aos velhos amigos.

Amigos, amigos, negócios à parte. Há informações de que militares brasileiros estão cada vez mais preocupados com o envolvimento norte-americano no conflito de Angola e Namíbia. O governo de Washington, aliás, não esconde sua simpatia pela Unita, cujo comandante Jonas Savimbi não fala português. Comunica-se em inglês. A falta de adversários teóricos, o acerto de posições entre os exércitos sul-americanos em torno de suas posições ideológicas, tornou o Atlântico um caminho natural no pensamento estratégico brasileiro.

Tudo isto pertence, ainda, ao terreno de especulações dentro de áreas estratégicas na corporação, mesmo porque há diferenças entre os projetos da Marinha e do Exército em relação ao continente africano. Mas um militar brasileiro de patente graduada perguntava, tempos atrás: "por que razão os angolanos, que falam português, estão lutando contra seus inimigos utilizando blindados russos manobrados por cubanos?"

André Gustavo Stumpf